

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4**

Duração da prova: 120 minutos  
2006

1.ª FASE

**PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA**

---

Esta prova é constituída por dois grupos de itens.

O GRUPO I inclui dois itens sobre uma única obra:

Um item de relação entre dois conceitos **ou** de justificação de uma tese;

Um item de análise de texto.

O GRUPO II inclui um item de desenvolvimento de um tema dado, a partir de uma única obra.

## GRUPO I

Nesta página encontrará um índice das obras para este grupo.

Selecione **APENAS UMA OBRA** e responda aos dois itens formulados.

Na resposta ao item 1:

- utilize aproximadamente 160 palavras (cerca de 20 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

Na resposta ao item 2:

- utilize aproximadamente 320 palavras (cerca de 40 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

## ÍNDICE DAS OBRAS DO GRUPO I

	Página
– DA NATUREZA, Parménides .....	3
– GÓRGIAS, Platão .....	3
– FÉDON, Platão .....	4
– CATEGORIAS, Aristóteles .....	4
– PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes .....	5
– CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke .....	5
– DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz .....	6
– FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant .....	6

## DA NATUREZA, Parménides

1. Relacione os conceitos de verdade e de opinião, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão o ser é homogéneo e imóvel. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

(...) decidido está então, como necessidade,  
deixar uma das vias como impensável e inexprimível (pois não é  
via verdadeira), enquanto a outra é autêntica.  
Como poderia o ser perecer? Como poderia gerar-se?  
5 Pois, se era, não é, nem poderia vir a ser.  
E assim a génese se extingue e da destruição se não fala.  
Nem é divisível, visto ser todo homogéneo,  
nem num lado é mais, que o impeça de ser contínuo,  
nem noutra menos, mas é todo cheio de ser  
10 e por isso todo contínuo, pois o ser é com o ser.  
Além disso, é imóvel nas cadeias dos potentes laços,  
sem princípio nem fim, pois génese e destruição  
foram afastadas para longe, repelidas pela confiança verdadeira.  
O mesmo em si mesmo permanece e por si mesmo repousa,  
15 e assim firme em si fica. Pois a potente Necessidade  
o tem nos limites dos laços, que de todo o lado o cercam.

Frag. 8, vv. 16-31, trad. José Trindade dos Santos, Queluz, Alda Editores, 1997, pp. 21 e 23

---

## GÓRGIAS, Platão

1. Relacione os conceitos de felicidade e de bem, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, compare os dois modos possíveis de exercer o poder. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Sócrates – Não é para me meter contigo que te interrogo; desejo apenas saber o que realmente pensas sobre a maneira como se deve processar a nossa vida política. Ao ocupares-te dos negócios do Estado, tens outro objectivo que não seja fazer de nós os melhores cidadãos possíveis? Não concordámos já muitas vezes que esta deve ser a missão de qualquer político? Concordámos ou não? Responde. Vou eu responder  
5 por ti: concordámos. Se tais devem ser os serviços que um homem de bem deve prestar à sua cidade, recorda a vida dos homens que há pouco citaste e diz-me se ainda te parece que Péricles, Címon, Milcíades e Temístocles foram bons cidadãos.  
Cálicles – Parece, sim, senhor.  
Sócrates – Se foram bons, é porque converteram de piores em melhores os seus concidadãos. Fizeram-  
10 -no, de facto?  
Cálicles – Fizeram.  
Sócrates – Portanto, quando Péricles começou a pronunciar os seus discursos ao povo, os Atenienses eram piores do que quando ele proferiu os seus últimos discursos.  
Cálicles – Talvez.  
15 Sócrates – (...) Diz-me agora mais uma coisa: a opinião geral é que Péricles melhorou os Atenienses ou que, pelo contrário, os corrompeu? É que eu tenho ouvido dizer que Péricles tornou os Atenienses preguiçosos, cobardes, tagarelas e ávidos de dinheiro, ao estabelecer pela primeira vez uma remuneração para alguns serviços oficiais.  
Cálicles – Os teus informadores têm as orelhas rasgadas, Sócrates.  
20 Sócrates – Mas tu e eu sabemos muito bem, e não é por ouvir dizer, que Péricles gozava a princípio de grande reputação e não foi objecto de qualquer sentença infamante, nessa altura em que os Atenienses eram piores. Entretanto, tornados homens de bem pela acção do estadista, no fim da vida deste condenaram-no por roubo e por pouco não o condenavam à morte, considerando-o certamente um mau cidadão.

515b - 516a, trad. Manuel de Oliveira Pulquério, Lisboa, Edições 70, 1997, pp. 193-195

V.S.F.F.

## FÉDON, Platão

1. Justifique a tese segundo a qual as coisas opostas não se confundem com os opostos em si mesmos, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicito o modo como a distinção entre seres compostos e seres simples reforça a crença na imortalidade da alma. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

– Ora bem – prosseguiu Sócrates –, comecemos por fazer a nós próprios uma pergunta como esta: qual a espécie de coisas que está em princípio sujeita a sofrer tal estado de dispersão? Quais as coisas que nos levam a recear esse processo, e em relação a quais o receamos nós? Posto isto, analisemos as alternativas que há quanto à alma, e se é caso para nos tranquilizarmos ou para nos

5 afligirmos por ela.

– Acho bem – comentou [Cebes].

– Ora vejamos, não é o ser composto, aquele cuja natureza é compósita, que em princípio está sujeita a este processo de se decompor exactamente nos elementos que o compunham? E, se algum ser simples existe, não é apenas esse, mais do que qualquer outro, que está em princípio isento de

10 sofrer tal processo?

– Parece-me que é exacto – replicou Cebes.

– Muito provável, portanto, que os seres que se mantêm constantes e idênticos a si mesmos sejam os simples, e aqueles que estão sempre em mudança e nunca permanecem idênticos sejam os compostos?

15 – Assim me parece também.

78 b-c, trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Coimbra, Edições Minerva, 2001, p. 75

---

## CATEGORIAS, Aristóteles

1. Relacione os conceitos de «ser dito de um sujeito» e de «existir num sujeito», explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão «a espécie é mais substância do que o género». Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Das substâncias segundas, a espécie é mais substância do que o género, pois está mais próxima da substância primeira. Pois se tivermos de dizer de uma substância primeira o que ela é, será mais informativo e mais adequado indicar a espécie do que indicar o género. Por exemplo, de um certo homem será mais informativo dizer que é um homem do que dizer que é um animal (pois o primeiro

5 é mais próprio de um certo homem, enquanto o segundo é mais comum); e, para dizer o que é uma certa árvore, será mais informativo dizer que é uma árvore do que dizer que é uma planta. Além disso, é porque as substâncias primeiras são sujeitos de todas as outras coisas, e todas as outras coisas ou se predicam delas ou existem nelas, que elas são principalmente chamadas substâncias. Mas tal como as substâncias primeiras estão para as outras coisas, assim está também a espécie para

10 o género (pois a espécie é sujeito do género, uma vez que os géneros se predicam das espécies, mas as espécies não se predicam reciprocamente dos géneros). De modo que, também por isto, a espécie é mais substância do que o género.

Mas das próprias espécies – daquelas que não são géneros –, nenhuma é mais substância do que outra; pois não é mais adequado dizer de um certo homem que é um homem do que dizer de um certo cavalo que é um cavalo. E, do mesmo modo, também nenhuma substância primeira é mais

15 substância do que outra; pois um certo homem não é mais substância do que um certo boi.

2b, trad. Ricardo Santos, Porto, Porto Editora, 1995, pp. 40-41

## PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

1. Justifique a tese segundo a qual existe uma diferença entre o ilimitado e o infinito, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, reconstitua o argumento pelo qual se conclui que Deus existe. Fundamente a sua análise com elementos da obra.

### XVIII – Daqui se conclui que Deus existe.

Assim, dado que temos em nós a ideia de Deus ou do ser supremo, com razão podemos examinar a causa por que a temos; e encontraremos nela tanta imensidade que por isso nos certificamos absolutamente de que ela só pode ter sido posta em nós por um ser em que exista efectivamente a plenitude de todas as perfeições, ou seja, por um Deus realmente existente. Com efeito, pela luz natural é evidente não só que do nada nada se faz, mas também que não se produz o que é mais perfeito pelo que é menos perfeito, como causa eficiente e total; e, ainda, que não pode haver em nós a ideia ou imagem de alguma coisa da qual não exista algures, seja em nós, seja fora de nós, algum arquétipo que contenha a coisa e todas as suas perfeições. E, porque de modo nenhum encontramos em nós aquelas supremas perfeições cuja ideia possuímos, disso concluímos correctamente que elas existem, ou certamente existiram alguma vez, em algum ser diferente de nós, a saber, em Deus; do que se segue com total evidência que elas ainda existem.

Trad. Leonel Ribeiro dos Santos, Lisboa, Editorial Presença, 1995, p. 64

---

## CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

1. Justifique a tese segundo a qual as Igrejas detêm a legitimidade da excomunhão, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique por que razão não devem as assembleias religiosas ser proibidas pelo magistrado. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Falta-me falar das assembleias que, como se julga, formam o maior obstáculo à doutrina da tolerância, já que normalmente se tomam como fermento de sedição e conciliábulos de facções; e talvez o tenham sido, por vezes, não em virtude da sua própria natureza, mas apenas pela infelicidade de uma liberdade oprimida ou mal estabelecida. Estas acusações imediatamente acabariam se se estabelecesse uma lei de tolerância mediante a qual todas as Igrejas seriam obrigadas a ensinar e a pôr como fundamento da sua própria liberdade que os outros, ainda que divirjam de si em matéria de religião, devem tolerar-se, e que ninguém deveria ser constrangido pela lei ou pela força no campo religioso; estabelecido isto, eliminar-se-ia todo o pretexto de querelas e de tumultos em nome da consciência. Anuladas as causas de perturbações ou de cóleras, nada restaria que não fosse mais pacífico nestas do que nas outras assembleias e estranho à perturbação da vida política. Mas, percorramos agora os capítulos de acusação.

Direis: as assembleias e as reuniões são perigosas para o Estado e ameaçam a paz. Responderei: se é assim, porque fazer todos os dias reuniões na praça ou no tribunal, congressos nas corporações e ajuntamentos nas cidades? Direis: são assembleias civis, e as outras são eclesiásticas. Responderei: será que estas assembleias, que evitam mais do que quaisquer outras tratar de assuntos civis, são também as mais propícias a trazer-lhes perturbações? Direis: nas assembleias civis, reúnem-se homens que professam opiniões religiosas diversas; nas eclesiásticas, homens que são da mesma opinião. Responderei: será que, por terem opiniões idênticas em matéria de religião e quanto à salvação da alma, irão conspirar contra o Estado?

Trad. João da Silva Gama, Lisboa, Edições 70, 1996, pp. 118-119

## DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

1. Relacione os conceitos de substância individual e de alma, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique o papel de Deus na ordem geral do universo. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

**VII – Em como os milagres são conformes com a ordem geral, embora sejam contra as máximas subalternas, e acerca daquilo que Deus quer ou permite, por uma vontade geral ou particular.**

Ora, posto que nada acontece que não esteja dentro da ordem, pode dizer-se que os milagres estão tão dentro da ordem como as operações naturais, que são assim chamadas porque são conformes com certas máximas subalternas a que chamamos a natureza das coisas. Com efeito, pode dizer-se que esta natureza é tão-só um costume de Deus, de que ele se pode dispensar em virtude de uma razão mais forte do que aquela que o moveu a servir-se de tais máximas.

Quanto às vontades gerais ou particulares, conforme se tome a coisa, pode dizer-se que Deus faz tudo segundo a sua vontade mais geral, que é conforme com a ordem mais perfeita que ele escolheu; mas pode igualmente dizer-se que ele tem vontades particulares que são excepções dessas máximas subalternas acima referidas, porque a mais geral das leis de Deus, que regula toda a sequência do universo, não tem excepção.

Pode também dizer-se que Deus quer tudo o que é objecto da sua vontade particular; mas, quanto aos objectos da sua vontade geral, tais como as acções das outras criaturas, particularmente das racionais, para as quais Deus quer concorrer, é preciso distinguir: porque, se a acção é boa em si mesma, pode dizer-se que Deus a quer e a ordena às vezes, mesmo quando ela não acontece; mas, se ela é má em si própria e só por acidente se torna boa, em virtude de a sequência das coisas e, em particular, o castigo e a satisfação corrigirem a sua malignidade e compensarem o mal respectivo com usura, de maneira que, por último, se acha mais perfeição em toda a série do que se todo o mal não tivesse acontecido, então é preciso dizer que Deus o permite e não que ele o quer, se bem que concorra para ele em virtude das leis naturais que estabeleceu e porque sabe tirar daí um bem maior.

Trad. Adelino Cardoso, Lisboa, Edições Colibri, 1995, pp. 43-44

---

## FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

1. Relacione os conceitos de boa vontade e de inclinação, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita por que razão devemos respeito às pessoas e não às coisas. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Os seres cuja existência depende, não em verdade da nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam *coisas*, ao passo que os seres racionais se chamam *peças*, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer, como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (e é um objecto do respeito). Estes não são portanto meros fins subjectivos cuja existência tenha *para nós* um valor como efeito da nossa acção, mas sim *fins objectivos*, quer dizer, coisas cuja existência é em si mesma um fim, e um fim tal que se não pode pôr nenhum outro no seu lugar em relação ao qual essas coisas servissem *apenas* como meios; porque de outro modo nada em parte alguma se encontraria que tivesse *valor absoluto*; mas, se todo o valor fosse condicional, e por conseguinte contingente, em parte alguma se poderia encontrar um princípio prático supremo para a razão.

Se, pois, deve haver um princípio prático supremo e um imperativo categórico no que respeita à vontade humana, então tem de ser tal que, da representação daquilo que é necessariamente um fim para toda a gente, porque é *fim em si mesmo*, faça um princípio *objectivo* da vontade, que possa por conseguinte servir de lei prática universal. O fundamento deste princípio é: *A natureza racional existe como fim em si*.

BA 65-66, trad. Paulo Quintela, Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 68-69

## GRUPO II

- Selecione uma obra e o tema que lhe corresponde, indicando, **DE MODO INEQUÍVOCO**, a sua escolha.
- Utilize aproximadamente 640 palavras (cerca de 80 linhas), sem contar com o plano organizador. Considere este número como indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

OBRAS	TEMAS
O MESTRE, Santo Agostinho .....	Linguagem e conhecimento
PROSLOGION, Santo Anselmo .....	A compreensão da natureza divina
O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino ....	O ente no modo real e no modo proposicional
RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura .....	Iluminação divina e conhecimento humano
INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel .....	O absoluto enquanto conteúdo da religião e da filosofia
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental .....	A emergência da filosofia moderna
O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche .....	O ser e o saber científico
DA CERTEZA, Wittgenstein .....	Aprendizagem e jogo de linguagem
PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho.....	Ontologia da saudade
ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty .....	Intersubjectividade e ambiguidade
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell .....	A existência da matéria
SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger ....	A pergunta pelo ser e a história
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricœur .....	O modelo estrutural da linguagem e os seus limites

– Desenvolva o tema correspondente à obra que seleccionou.

Na sua resposta:

- relacione o tema com o horizonte temático da obra;
- integre o tema na estrutura argumentativa da obra;
- avalie o modo como o autor trata o tema na obra.

– Comece por apresentar o plano organizador da sua resposta.

**FIM**

V.S.F.F.

114/7

## COTAÇÕES

### GRUPO I

1. .... 40 pontos

2. .... 70 pontos

**Total do Grupo I ..... 110 pontos**

### GRUPO II

Item único ..... 90 pontos

**Total do Grupo II ..... 90 pontos**

**TOTAL ..... 200 pontos**